

CULTURA DE ALMANAQUE OU UTOPIAS QUE CONSOLAM?Tatiane Milene TORRES¹

RESUMO: O presente artigo percorre um caminho reflexivo no domínio dos estudos comparados cujo objetivo é realizar o cotejo entre o Almanaque Brasileiro Garnier e o Almanach Hachette. Este diálogo permite a análise de temáticas utópicas em uma atmosfera popular repleta de conselhos de auto-ajuda. Nesse cosmo quimérico, o profeta às avessas - uma espécie de autor/mensageiro com faculdades divinatórias - busca amenizar as dores e as problemáticas humanas em cidades ideais – o Rio de Janeiro e a Paris onde se tem o controle, mesmo que feérico, das intempéries e das mazelas de qualquer ordem – com seus diversos elixires, também proporciona o acesso a um mundo letrado e sofisticado no qual o popular e o erudito caminham lado a lado.

Palavras-chave: utopia, tempo, cidade, almanaques, Literatura Popular.

RÉSUMÉ: Cet article parcourt un chemin réfléchi dans le domaine des études comparés qui a pour but de réaliser une lecture comparatiste entre l'Almanaque Brasileiro Garnier et l'Almanach Hachette. Ce dialogue permet l'analyse de thématiques utopiques dans une atmosphère populaire pleine des conseils d'auto-aide. Dans ce cosmos quimérique, le messenger boiteux -une sorte d'auteur/messenger avec des facultés divinatoires - cherche à atténuer les douleurs et les problématiques humaines dans les cités idéales - le Rio de Janeiro et la Paris où on a le contrôle, quoique féérique, des intempéries et des malaises de toute sorte - avec ses plusieurs élixires, il proportionne aussi l'accès à un monde lettré et sophistiqué dans lequel le populaire et l'érudit marchent bout à bout.

Mots-Clés: utopie, temps, cité, almanachs, Littérature Populaire

Tendo em vista a forte influência da cultura francesa no *Almanaque Brasileiro Garnier*, publicado entre 1903 a 1914, visto ter sido elaborado a partir de um modelo francês e confeccionado por uma das últimas filiais francesas estabelecidas no Rio de Janeiro, a *Garnier Frères* de Paris, propomos um estudo comparativo com o *Almanach Hachette* que esteve em circulação entre 1894 a 1939 na França. Além da nítida influência da cultura francesa no almanaque brasileiro, é importante destacar a relevância do livreiro Garnier e de sua livraria na rua do Ouvidor para o desenvolvimento das letras e da editoração brasileiras, bem como do livreiro Louis Hachette, que fundou um verdadeiro império do livro na França, o qual teve início com recursos notadamente modestos.

No entanto, é importante salientar que o *Almanaque Garnier* faz parte de uma proposta autenticamente brasileira e não apenas uma reprodução do modelo francês, posto que cada um, a sua maneira, apresenta todo um arsenal de informações que visa à resolução das dificuldades e dos problemas de seu povo, conseqüentemente, o seu desenvolvimento por

¹ Doutoranda em –Língua e Literatura Francesa – USP.

meio de uma atmosfera repleta de temáticas utópicas proveniente de um universo que une magia, medicina alternativa, astrologia, apreciação estética, entre outros.

Esta pesquisa analisa as similitudes e as diferenças entre o *Almanaque Brasileiro Garnier* e o *Almanach Hachette* no que concerne ao hibridismo decorrente da literatura dita culta estar imbricada ao gênero popular. Para isso, utilizamos o mito do microcosmo, que coloca o homem como mundo abreviado, ordenando sua própria constituição humana com a ordenação do universo, fazendo da utopia um alimento diário capaz de obliterar as misérias humanas.

Dessa forma, a execução deste projeto visa proporcionar um maior conhecimento e aprofundamento literário no âmbito dos estudos comparados, além de enriquecer a pesquisa no tocante ao acervo da *Littérature de Colportage* e da Literatura Popular Brasileira.

Nesse viés, não podemos deixar de discorrer sobre a literatura da qual os almanaques fazem parte, a *Littérature de Colportage* e a Literatura Popular Brasileira. Para isso, observamos que tanto a brasileira quanto a francesa tiveram na origem a sua difusão pelos caixeiros viajantes, os *colporteurs* na França e os mascates no Brasil. Atividade esta, que posteriormente, as editoras e os próprios livros impressos em série puderam realizar.

Ainda, devemos considerar o fato de que tal literatura é nomeada de tal forma por não ter, até o momento, encontrado uma designação apropriada, o que mostra o seu desconhecimento e a sua incompreensão:

Car à peine porte-t-elle un nom: on la qualifie de littérature populaire. Nom qui est celui de l'impossibilité même de la nommer, littérature du plus grand nombre, nom qui dit déjà qu'elle est mal connue, méconnue, mal aimée, innommable... Désignation qui n'est pas d'origine pourtant, mais qui se surajoute au nom qu'elle s'est donné et qu'il importe de lui restituer: elle s'appelle la Bibliothèque bleu. (Bollème, 1971, p. 8)

É o que atesta um consenso muitas vezes problemático segundo os pesquisadores, pois ainda hoje, deploravelmente, a literatura popular é recebida com um certo receio, sendo considerada como paraliteratura, reforçando sempre que possível a dicotomia - literatura popular x literatura culta - a primeira de origem inferior e a segunda representativa das classes eruditas.

Como realizamos um estudo comparatista, é interessante mencionar que a literatura popular do nordeste é herdeira das Canções de Gesta francesas, o que corrobora tal diálogo, pois ainda que não focado na literatura de cordel, nossa pesquisa visa fazer um paralelo entre as literaturas populares citadas. É o que constatamos quando observamos que muitas histórias populares do cordel estão ligadas à lenda de *Carlos Magno e dos Doze Pares*.

Além da herança de gesta, observamos que a própria literatura de *colportage*, como um todo, apresenta similitudes com a literatura popular brasileira, tanto no que diz respeito aos ciclos temáticos quanto aos gêneros populares. Nessa perspectiva, vimos que ambas são

representativas de uma literatura de vocação popular, apresentando desde novelas de cavalaria, livros de piedade, romances, contos de fada, poesia, livros de sonho, almanaques, entre outros.

Outra semelhança apontada é a qualidade do material em que essa literatura é impressa, pois tanto uma quanto a outra confecciona seus livros em papel barato e os ilustra com antigas gravuras a partir do relevo em prancha de madeira, ou seja, pelo método da xilogravura. É justamente por isso que na *Bibliothèque Bleue*, expressão que designa não um local onde se conservam obras, mas sim um tipo de coleção de livros populares, que se observa a modéstia do material, o papel azul acinzentado que era utilizado para embalar pães era o mesmo em que se imprimia tal literatura:

A l'origine de cette Bibliothèque bleue, il y a l'exploitation d'un circuit de vente à bon marché, exploitation soumise à un règlement qui s'exerce sur sa forme et sur son contenu, les rend solidaires l'un de l'autre, entretient la confusion, fonde la première ambiguïté. Destinées à être transportées dans des ballots, les brochures sont petites (14 cm x 7 cm à 21 x 15 cm); devant être vendues à bas prix, un à deux sols pièce, l'impression en est rudimentaire, grossière, elles sont mal brochées, plus ou moins paginées, le papier en est de mauvaise qualité, la couverture est elle aussi choisie en fonction du prix de revient: le plus souvent il s'agit d'un papier blue-gris servant à emballer les pains de sucre. (Bollème, 1971, p. 8- 9)

Nesse viés, partimos do estudo da *Littérature de Colportage* e da Literatura Popular Brasileira, analisando suas similitudes e suas diferenças, bem como sua formação e sua contribuição para o desenvolvimento e divulgação da literatura dita “cultura”.

Dessa forma, identificamos os diferentes gêneros populares brasileiros e apontamos para o fato do historiador francês Robert Mandrou defender a idéia de que existe uma evidente analogia com o material das edições francesas, sugerindo uma divisão em conjuntos temáticos, como: a mitologia, o maravilhoso pagão e os contos de fadas, os tratados, os calendários e os almanaques, as obras de piedade, a vida dos santos, os romances, os jogos e a educação, etc.

Não podemos deixar de mencionar o Cordel, que é destaque na Literatura Popular Brasileira, com todos os seus ciclos temáticos. Tal gênero segue a mesma perspectiva dos poemas da *Bibliothèque Bleue*, não há a preocupação com a autoria individual, pois o cerne da poesia popular é o anonimato: “(...) l'auteur est sans propriété sur son texte, on peut dire qu'il s'agit là d'une littérature essentiellement anonyme” (Bollème, 1971, p.21).

Diante de tais semelhanças e diferenças, partimos para o estudo sobre a questão da literatura erudita estar imersa em um universo popular, tanto no almanaque *Garnier* quanto no *Hachette*.

Nessa miscelânea do erudito/popular, observamos que a literatura é divulgada em meio a: Festas Religiosas Móveis e Fixas, Festas Nacionais Brasileiras, Estaduais e Estrangeiras, Calendário Perpétuo, Calendário Gregoriano, Calendário Eclesiástico, Necrológios do Ano, Páginas de Retratos, Consumo d'Água – Regulamento, Enterros – Empresa Funerária, Eclipses para o Ano, Aspecto do Céu – Constelações, Santos e Festas da Igreja, Geografia, Doenças, Terremotos e Tragédias, A Lavoura, entre outros.

É o que ocorre no *Almanach Hachette*, pois a literatura também é apresentada interligada a toda uma atmosfera popular, a conferir: Fêtes Mobiles, Fêtes légales, Autres Fêtes Nationales Étrangères, Calendrier Pérpetuel, Le Calendrier Romain ou Julien, Modes d'Été, Modes d'Hiver, L'Année Nécrologique, Les Eclipses, Description du Ciel, Mois de l'année (Saints), Géographie, Les Maladies, Accidents, Agriculture, etc.

A literatura observada nos almanaques está classificada anualmente, como: O Ano Literário e *Année Littéraire*. Em *Garnier*, há toda uma relação de sugestões de autores com seus respectivos livros para leitura, poesias diversas (versos castelhanos, poesia japonesa, poesia antiga, poesias populares), crítica literária, como *O Plano dos Lusíadas* de J. Leite de Vasconcellos, Teatros – com os croquis indicando as ruas e os respectivos concertos e peças, etc. O que mais nos chama atenção é que, em um gênero popular “almanaque”, tem-se a mistura do popular com o erudito, pois estando em um contexto de alto índice de analfabetismo, já em 1910, apresenta a literatura desde Camões ao Folclore Brasileiro, como a “Peleja do Bem-te-vi com o Madapolão”, uma cantoria entre trovadores populares. Isso reitera a nossa tese de que no almanaque o popular e o erudito se amalgamam.

O mesmo acontece no *Almanach Hachette*, pois no *Année Littéraire* a literatura é divulgada e organizada da seguinte forma: Les Principaux Livres de L'Année, Les Chefs d'Oeuvres de la Littérature Alemande, Le Prix de la Pensée: Gains des Écrivains de Jadis et d'Aujourd'hui, Littérature, Romans, Poésie. Também se observa a presença de croquis de vários teatros de Paris com seus respectivos concertos e peças. Assim como em *Garnier*, a literatura está mesclada ao popular, visto que no almanaque há sugestões tanto de leitura quanto de propagandas de cera para sapatos, de bilhetes de loteria, de sugestões de como se portar à mesa, entre outros. Diante disso, observamos que, nos almanaques, o erudito se mistura ao popular, além de apresentar uma certa organização harmoniosa do macrocosmo, que se refletiria no microcosmo que seria o ser humano (o leitor), fazendo da literatura um

segundo microcosmo que incidiria, por sua vez, nas leis universais do cosmo, o que seria uma espécie de “elixir das letras” capaz de apaziguar, com suas infindáveis leituras, os suplícios e de contribuir para uma melhor compreensão da existência humana.

Logo, observamos a importância do almanaque na formação e divulgação das literaturas brasileira e francesa, na medida em que um gênero popular pôde dar tanto impulso ao desenvolvimento da leitura de obras tanto nacionais quanto estrangeiras, mesmo em meio a um caleidoscópio de temáticas populares.

Além da questão da literatura dita culta estar imersa e interligada ao gênero popular nos almanaques *Hachette* e *Garnier*, é importante salientar o viés utópico que tais livros populares seguem. Eles estão carregados de tintas utópicas em suas diversas temáticas, tanto no que concerne a sua organização quanto nas suas pretensões.

É importante ressaltar o papel da utopia no decorrer da história, posto que antes mesmo da primeira narrativa utópica de Thomas Morus, a humanidade foi sempre alimentada por discursos utópicos. Já os filósofos da Antiguidade buscavam, em suas reflexões, apaziguar os males e reconstruir cidades totalmente devastadas por centenas de invasões, atitudes que visavam à construção de lugares ideais protegidos dos perigos externos e da fúria dos deuses proveniente de lapsos de seus cidadãos.

Dentre os discursos utópicos, não podemos deixar de mencionar o pensamento ocidental que nasce a partir da caminhada de Israel rumo à Terra Prometida e também durante a espera da vinda do Messias, o que atesta um ideal de cidade baseado na certeza da salvação pela promessa divina:

la pensée occidentale est née au cours de la marche d’Israël vers la Terre Promise et pendant l’attente de la venue du Messie, le Roi issu de la race de David. Cette croyance singulière a animé une conception nouvelle de la cité qui n’a plus besoin d’être un tracé magique réintégrant l’homme dans l’univers et l’emprisonnant dans les rites. Libérée de toute enceinte consacrée, la cité nouvelle est la réunion des hommes de bonne volonté; elle porte en elle un dynamisme qui lui est propre: la certitude du salut de chaque homme par la promesse de Dieu, l’attente de l’avènement du Christ à la fin des temps: une espérance qui reprend et résume le double espoir d’Israël. (Servier, 1967, p.19)

Considerando os discursos utópicos, não podemos deixar de mencionar o lugar indicado pela expressão – O País de Cocagne -, onde se tem abundância, infindáveis prazeres e proteção das problemáticas do mundo.

A etimologia de lugar denominado “O País de Cocagne” continua misteriosa. Ela gira em torno da idéia de abundância (em holandês, “país das maravilhas”; em

alemão e em inglês, “país dos doces”; em francês, o termo vem do provençal, em que “cognac” significa “pastel de nata” e representa a prosperidade). Nesse País das Maravilhas escapa-se da pobreza não por uma revolução na propriedade, mas fazendo-se banquetes, ficando-se à toa, cantando e dançando. (Paquot, 1999, p.25)

É o que observamos nos almanaques, que apresentam um lugar maravilhoso onde o *messenger boiteux* proporciona inúmeros prazeres a seus leitores, com suas receitas mensais e dicas de agricultura indicando a prosperidade, seus diversos jogos e sugestões de leitura e de viagens representando os deleites, entre outros. Neste lugar ideal, com seus Calendários Perpétuos, tenta-se domar o tempo de qualquer forma, pois sendo estes eternos, não existe a possibilidade de sua perda, é uma maneira de retê-lo a todo custo e para sempre, evitando o seu fim ou sua natureza primeira que é a da inexorabilidade.

Além da abundância, do controle do tempo e dos diversos deleites nos almanaques, devemos salientar a importância do elixir em tais livros populares. Neste universo utópico, tal medicamento miraculoso representa cura para todos os males e contribui para a manutenção deste cosmo maravilhoso. Neste ambiente feérico, as moléstias são erradicadas com medicamentos que apresentam altas doses de credices e efeitos milagrosos, uma espécie de medicina a serviço da magia. Os efeitos que os diversos elixires provocam em seus leitores, muitas vezes, são “colaterais” frente à realidade externa aos almanaques, visto que muitas de suas manipulações apresentam claramente uma miscelânea entre medicina científica e popular, esta segunda abrangendo desde plantas a vidências. Desse modo, o elixir nos almanaques é uma espécie de antídoto cujo efeito vai além do tratamento terapêutico que lhe é intrínseco, este representa uma crença coletiva – a dos leitores – na qual o rito mágico é indispensável para sua eficácia, a ingestão do líquido balsâmico que segue uma série de recomendações:

Não é a manipulação técnica da natureza que define, como pretendia Frazer, a eficácia do rito mágico. A eficácia só existe quando sustentada por uma crença coletiva. A magia é uma arte que comporta uma multiplicidade complexa de operações. Os elementos com que trabalha são triturados, diluídos, transformados em bebidas e infusões; eles viram pasta, pó, fluidos, a serem bebidos ou comidos; ou ainda imagens a serem guardadas como amuletos. Essa química não tem como único objetivo tornar os produtos objetivamente utilizáveis. Na verdade, a preparação dos objetos mágicos é parte integrante do ritual que os torna eficazes. Nenhuma pedra, folha, cocção ou imagem tem algum poder sobre o real pelas suas propriedades intrínsecas: essa eficácia lhe é atribuída necessariamente pelo rito. (Montero, 1986, p.60)

Considerando o efeito da bebida mágica, o elixir, é importante ressaltar o papel dos diversos “curandeiros” nos almanaques, pessoas intituladas visionárias que possuem poderes sobrenaturais para curar males físicos e espirituais ou qualquer sorte. Ao falarmos de efeitos mágicos, devemos mencionar que tais videntes colaboram com esta atmosfera quimérica, além de indiretamente representar o *messenger boiteux*, o profeta maior cuja missão é criar e alimentar este mundo maravilhoso nos livros populares estudados. Assim, Montero (1986, p. 61), aponta para: “A ideia de maná torna a crença na magia um ato coletivo. Procura-se o mágico não porque ele provou ser eficaz, mas porque se acredita nele de antemão. Dessa crença participam o mágico, o cliente e o grupo social como um todo.”

É o que notamos de forma semelhante nos almanaques, pois a crença nos videntes parte do coletivo, sem a constatação de sua veracidade, o que atesta a relação entre o cliente (leitor), o visionário e o grupo, além de reforçar a atmosfera utópica de tais livros.

Logo, a crença nos elixires e nos visionários é reforçada pela teoria do microcosmo, posto que tal atmosfera mágica está alicerçada nas leis universais do cosmo. O leitor dos almanaques está diretamente ligado ao macrocosmo, tendo suas conquistas, perdas, decisões, sentimentos, conduzidos pela ação das fases da lua, dos aspectos do céu, dos signos astronômicos e das indicações astronômicas. Assim, é no segundo microcosmo, o almanaque e sua literatura, que se observa a intervenção direta do macrocosmo no leitor/homem, sendo este protegido dos dissabores cotidianos e orientado em seus diversos caminhos pelas forças do Universo.

É nessa perspectiva que desenvolvemos a nossa pesquisa, visto que os almanaques *Garnier e Hachette* constroem cidades onde seus leitores vivem a salvo dos perigos externos, a Paris e o Rio de Janeiro nas quais até mesmo o tempo parece ser domado, aprisionado em seus vários calendários com seus respectivos dias dos santos.

Diante disso, o leitor dos almanaques tem a impressão – em seus vários volumes- de que o tempo está ali, cronometrado durante o ano todo, quiçá protegido de sua passagem inexorável, pois este vira uma espécie de mito da eternidade, posto que tais livros passam de geração a geração, são guardados para ser lidos durante anos.

Por meio das diferentes telas dos almanaques, observamos essa busca por uma cidade ideal (Paris e Rio de Janeiro), seja nas sugestões dos diversos elixires que prometem efeitos miraculosos, dentre eles, a longa vida, seja na biblioteca que nutre o leitor com indicações de livros para serem lidos durante o ano, criando um ser humano sábio e próximo à perfeição almejada. Ainda nos croquis dos teatros e suas respectivas peças que visam também proporcionar a tais lugares míticos, com seus habitantes-leitores, uma áurea de extrema

organização e sabedoria, nas dicas de Agricultura, evitando as catástrofes vindouras ou amenizando as existentes, etc.

Na tentativa de criar cidades ideais, a utopia funciona como uma espécie de consolo para as intempéries diárias, evitando que os leitores do *Hachette* e do *Garnier*, sempre bem informados, sejam tocados pelos perigos do mundo externo, construindo uma redoma na qual se tem tudo, desde cultura até controle do tempo e da vida, fazendo do almanaque um profeta às avessas, *le messenger boiteux* incumbido de trazer boas novas.

REFERÊNCIAS

BOLLÉME, Geneviève. **La Bibliothèque bleu**. Paris: Julliard, 1971.

MANDROU, Robert. **De la culture populaire aux 17e et 18e siècles**. Paris: Imago, 1985.

MONTERO, Paula. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PAQUOT, Thierry. **A Utopia**. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

SERVIER, Jean. **Histoire de l'utopie**. Paris: Éditions Gallimard, 1967.